

UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE ANAPURUS – MA

Camila Oliveira Neves ¹
Adelson Cheibel Simões ²

RESUMO

A pesquisa apresentou como objetivo geral compreender o processo de ensino-aprendizagem em alunos autistas no ensino regular no município de Anapurus – MA a partir de algumas percepções de professores de uma escola da rede privada. Os objetivos específicos dizem respeito a analisar as práticas educativas desenvolvidas pelos professores, identificar as dificuldades e aprendizagem destes alunos e investigar os desafios dos professores em relação aos alunos autistas na sala de aula do ensino regular, explorando aspectos como a prática de inclusão e a organização do trabalho pedagógico voltado a esses alunos. Ao que tange a metodologia a pesquisa classifica-se como um estudo de caso, quanto à escolha do objeto de estudo, sendo descritiva, quanto aos objetivos, com abordagem de natureza qualitativa quanto a análise dos dados. Quanto a técnica utilizada para a coleta de dados se enquadra na pesquisa bibliográfica, de campo e a utilização de um questionário com perguntas abertas a cinco docentes atuantes nas salas de aula com alunos autistas de uma instituição da rede privada de Anapurus -MA. Os resultados revelaram que os professores enfrentam dificuldades em diferentes áreas relacionadas aos alunos com TEA. A autonomia foi apontada como a principal dificuldade, seguida pelo raciocínio e o comportamento. Esses desafios refletem a complexidade do transtorno e a necessidade de estratégias adequadas para desenvolver habilidades nas áreas afetadas.

Palavras-chave: Autismo. Educação Inclusiva. Desafios no ensino regular.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem despertado crescente interesse entre pesquisadores e especialistas, devido ao fato de ser um distúrbio do desenvolvimento infantil que perdura ao longo da vida. Os sintomas do TEA estão associados a comportamentos estereotipados, dificuldades de comunicação e interação social, sendo identificáveis desde a infância. Nesse sentido, é imprescindível abordar essa temática e compreender a importância da inclusão dessa população nas escolas de ensino regular.

Assim, a pesquisa apresentou como objetivo geral compreender o processo de ensino-aprendizagem em alunos autistas no ensino regular no município de Anapurus – MA a partir de algumas percepções de professores de uma escola da rede privada. Os objetivos específicos

¹ Docente do Curso de Ciências Humanas Sociologia da da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP, camilapeixes@hotmail.com;

² Doutorando do Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP adelsonsimoes@gmail.com;

dizem respeito a analisar as práticas educativas desenvolvidas pelos professores, identificar as dificuldades e aprendizagem destes alunos e investigar os desafios dos professores em relação aos alunos autistas na sala de aula do ensino regular, explorando aspectos como a prática de inclusão e a organização do trabalho pedagógico voltado a esses alunos.

Portanto, a seleção desse tema ocorreu devido ao interesse e à necessidade de obter novos conhecimentos e informações sobre o autismo e suas particularidades. Além disso, buscou-se compreender quais metodologias são mais adequadas para o trabalho pedagógico, bem como abordar outras questões de grande relevância para os educadores quando se deparam com a presença de um aluno autista. Essa escolha visa fornecer subsídios essenciais para que o docente possa desenvolver uma prática educativa eficaz e inclusiva, atendendo às necessidades específicas desse aluno.

Ao que tange a metodologia a pesquisa classifica-se como um estudo de caso, quanto à escolha do objeto de estudo, sendo descritiva, quanto aos objetivos, com abordagem de natureza qualitativa quanto a análise dos dados. Quanto a técnica utilizada para a coleta de dados se enquadra na pesquisa bibliográfica, de campo e a utilização de um questionário com perguntas abertas a cinco docentes atuantes nas salas de aula com alunos autistas de uma instituição da rede privada de Anapurus -MA.

Acredita-se que esta pesquisa seja relevante no contexto da inclusão de indivíduos com autismo, uma vez que aborda uma temática vasta e de caráter interdisciplinar. O estudo busca contribuir com reflexões sobre a atuação dos profissionais envolvidos no desenvolvimento de atividades pedagógicas com alunos autistas, suprimindo uma lacuna de discussão na área educacional da região.

METODOLOGIA

A presente pesquisa classifica-se como um estudo de caso, quanto à escolha do objeto de estudo, sendo descritiva, quanto aos objetivos, com abordagem de natureza qualitativa quanto a análise dos dados. Quanto a técnica utilizada para a coleta de dados se enquadra na pesquisa bibliográfica, de campo e a utilização de um questionário com perguntas abertas aos docentes atuantes nas salas de aula em que há alunos autistas, objetivando obter dados acerca das metodologias utilizadas por eles.

O presente estudo é referido como um estudo de caso que segundo Gil (2008, p.54), “visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e

característico”. Essa abordagem metodológica possibilita a compreensão de aspectos específicos em situações particulares de um fenômeno contemporâneo, levando em consideração seu contexto concreto.

Conforme afirmado por Vergara (2000, p. 47), a pesquisa descritiva tem como objetivo expor as características de uma população ou fenômeno específico, estabelecer correlações entre variáveis e determinar sua natureza. Em outras palavras, por meio da evidência das características, a pesquisa descritiva busca quantificar a intensidade e qualificar a natureza dos fatos ou fenômenos analisados.

Para que o objetivo do nosso estudo fosse atendido, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa. A respeito desse tipo de pesquisa, Silveira e Córdova (2009, p. 31) pontuam que “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” Foi escolhido esse tipo de abordagem em decorrência da necessidade de explicar e compreender algo que não pode ser quantificado, a saber, as informações a respeito da escola e crianças com TEA que estudam nele.

A pesquisa de campo constitui-se como um elemento essencial para buscar informações no local onde se manifestam os fenômenos. A pesquisa de campo tem como objetivo coletar dados por meio das observações dos fatos, e das percepções dos fenômenos da realidade. Segundo Gonçalves (2001, p.167) “a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto”.

O lócus da investigação foi a escola uma escola da rede particular de ensino, do município de Anapurus, no estado do Maranhão. Anapurus é uma cidade localizada na região do Baixo Parnaíba, e tem uma extensão territorial de 608,903 km². O município supracitado possui uma população estimada em 16.054 habitantes, de acordo com dados do IBGE (2021). Segundo dados do referido Instituto, quanto ao setor educacional, a cidade dispõe de 21 escolas que oferecem o Ensino Fundamental e 5 que oferecem Ensino Médio.

A instituição educacional em análise está situada na região central da cidade, possuindo um corpo funcional composto por 51 membros e atendendo atualmente a uma comunidade discente de 333 alunos, distribuídos nos turnos matutino e vespertino. É importante ressaltar que a escola oferece turmas desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Os participantes da pesquisa foram cinco professores atuantes nas classes regulares de ensino que com algum aluno com TEA. A análise de dados foi averiguada por questionário com perguntas abertas e fechadas que contemplam a temática. Os sujeitos participantes são do

sexo feminino e masculino com faixa etária entre 25 e 45 anos. Para garantir a identidade dos respondentes, os nomes verdadeiros não serão revelados. Assim, a menção a eles se dará quanto a profissão (Professor) seguida de ordem numérica.

As datas dos encontros foram definidas pela próprios professores e realizados em sala reservada nas dependências das instituições conforme sua disponibilidade e a agenda escolar. A aplicação dos questionários foi de forma individualizada com previsão média de duração de 40 minutos cada.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Mas (2018), o termo autismo foi criado em 1908 pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, para classificar pessoas que apresentavam dificuldades na comunicação e interação social, que tendiam a se isolar. Schmidt (2016) ressalta que o termo autismo perpassa na literatura ora como um tipo específico do TEA, ora como conjunto de sinais e sintomas.

O diagnóstico deve feito por um especialista, que comumente solicita exames e realiza testes a fim de investigar as condições possíveis da criança ter a síndrome. Raramente este diagnóstico é conclusivo antes dos 2 anos de idade e, geralmente, a observação inicial é feita pelos pais ou professores. Portanto, o diagnóstico de TEA não pode ser feito por um exame específico, onde é detectada a origem, mas são formulados através da observação do conjunto de sintomas identificados por diferentes profissionais (SANTOS & GRILLO, 2015).

O Espectro Autista se manifesta de diferentes formas e em diferentes graus, o que torna o ensino de crianças com TEA complexo, principalmente em virtude ainda das dificuldades impostas pelo próprio Espectro, que envolve déficits nas áreas de comportamento, socialização e comunicação (PIMENTEL & FERNANDES, 2014). Por outro lado, é importante destacar que, mesmo apresentando um desenvolvimento desadaptado nesses aspectos, a criança com TEA é perfeitamente capaz de extrair do meio linguístico algumas informações e internalizá-las, passando a utilizar esse conhecimento de forma contextual em sua vida social (PIMENTEL & FERNANDES, 2014).

O processo de inclusão contribui para o desenvolvimento da criança com deficiências e também para os colegas que convivem com ela, mesmo havendo toda essa complexidade da inclusão na atualidade (HEHIR et al., 2016). Contudo, nota-se que professores e funcionários, principalmente da rede pública de ensino, convivem diariamente com diversas críticas advindas de diferentes setores sociais, justamente em virtude do despreparo em relação ao assunto por parte de alguns destes profissionais (PIMENTEL & FERNANDES, 2014). Tudo isso, destaca

a importância de formações voltadas para o conhecimento do TEA e modos de lidar com crianças portadoras desse transtorno.

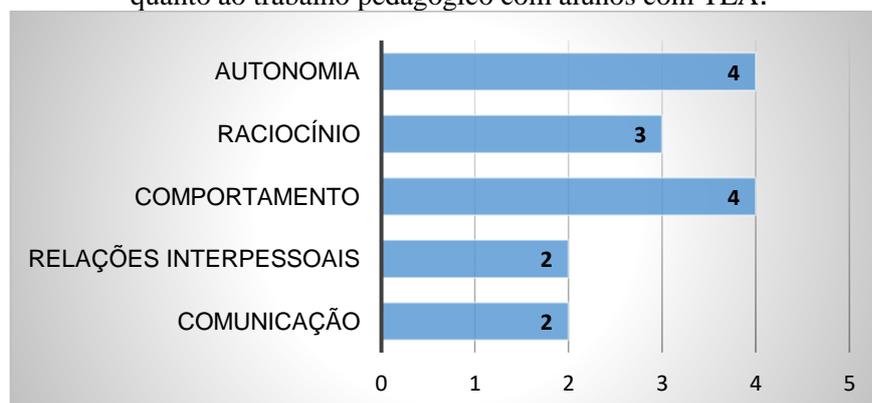
Barbosa (2008) aponta que o processo de inclusão não acontece de forma rápida, sendo necessário um trabalho real em equipe, pois é imprescindível pensar no bem-estar de todos, estabelecer um relacionamento entre escola e família, onde haja amparo mútuo, além do estabelecimento de uma relação saudável e afetiva entre aluno e professor; sendo necessário, dessa forma, a preparação da escola e dos alunos e também da sociedade, formando uma equipe que inclua os alunos com necessidades educacionais especiais, e não apenas os insira sem pensar no desenvolvimento real da aprendizagem.

Destaca-se, dessa forma, a importância da formação continuada e na área da Educação Especial, tanto para os profissionais da educação, como para toda a comunidade escolar, a fim de torná-los preparados para receber todo e qualquer aluno que esteja sendo incluído dentro do espaço escolar, para que essa inclusão aconteça de forma real, e não apenas em palavras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As questões direcionadas às professoras abordaram suas experiências e desafios relacionados aos alunos autistas na sala de aula do ensino regular, explorando aspectos como a prática de inclusão e a organização do trabalho pedagógico voltado a esses alunos. Os professores foram questionados a relatarem as áreas em que encontram mais dificuldades com relação aos alunos com autismo. Os sujeitos participantes da pesquisa foram orientados que poderiam marcar mais de uma opção, caso fosse conveniente à sua realidade. Para visualizar de maneira mais clara as respostas obtidas, apresentamos o Gráfico 01 a seguir:

Gráfico 01: Principais áreas de dificuldade encontradas pelos professores participantes da pesquisa quanto ao trabalho pedagógico com alunos com TEA.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Conforme é possível observar no Gráfico 03, um total de quatro dos cinco professores que participaram da pesquisa marcaram a opção “autonomia”. Um aspecto de extrema relevância no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é a independência da criança e sua capacidade de realizar atividades cotidianas e escolares sem necessidade de assistência. No que diz respeito a essa questão específica, Coppede et al. (2012) discutem que crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam um comprometimento significativo nas habilidades motoras finas, o que pode ter um impacto negativo na sua capacidade de interação social, bem como na sua independência e autonomia. Essa dificuldade nas habilidades motoras finas pode afetar a realização de atividades cotidianas e escolares que exigem precisão e coordenação, limitando assim o potencial de desenvolvimento dessas crianças nesses aspectos específicos.

O segundo aspecto mais evidenciado foi a questão do raciocínio, sendo esta opção marcada por três dos cinco professores que responderam aos questionários. É interessante ressaltar que esse aspecto se encontra diretamente ligado a todos os outros observados, pois de acordo com Feldmann (2007), tanto o raciocínio quanto as habilidades cognitivas são expressos no desempenho das atividades cotidianas e influenciam o desempenho de habilidades adaptativas, como comunicação, habilidades de vida diária, socialização e habilidades motoras, necessárias para que as crianças sejam incluídas socialmente e tenham autonomia pessoal.

A terceira opção mais marcada pelos professores participantes da pesquisa foi o comportamento, onde quatro dos cinco professores sinalizaram apresentar dificuldade nesse aspecto do desenvolvimento de seus alunos com TEA. Os outros dois aspectos observados como dificuldade para os docentes, foram a comunicação e as relações interpessoais, sendo opções marcadas por dois dos cinco professores, respectivamente.

Em estudos realizados por Pimentel e Fernandes (2014), as autoras constataram que os professores entrevistados relacionaram a comunicação e as relações interpessoais e as dificuldades, predominantemente associadas à aprendizagem, como comunicação e comportamento da criança, foram os aspectos mais observados também.

Em seguida os sujeitos foram indagados quanto ao comportamento das crianças com TEA no tocante aos aspectos mais observados por seus professores dentro da sala de aula. As respostas estão explicitadas no Quadro 01:

Quadro 01: Descrição das principais características e comportamentos que seu(s) aluno(s) com TEA apresenta(m).

SUJEITO PARTICIPANTE	RESPOSTA
Professor 01	<i>Não consegue parar quieto em seu lugar. Sempre inquieto.</i>
Professor 02	<i>É um garoto inteligente, esperto, e com bastante energia. Possui uma coordenação motora ótima, porém tem falta de disposição para realizar algumas tarefas, contém crise de raivas a maioria das vezes. Autismo não verbal.</i>
Professor 03	<i>É uma menina tranquila, não tem crise de raiva, porém poucas coisas chamam a atenção dela, pelas quais são “linha e cores”. Não possui coordenação motora, autismo não verbal.</i>
Professor 04	<i>Pouco contato visual, dificuldade na fala caracterizado por uso repetitivo da linguagem, dificuldade em interagir e socializar, se irrita com facilidade, inquietação.</i>
Professor 05	<i>Autista não verbal, dificuldades de aprendizagem, crises recorrente mas não agressivas, pouca coordenação motora e bem carinhoso.</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Conforme é possível observar no Quadro 01, a maioria dos autistas relacionados em nossa pesquisa são caracterizados como “não verbal” e apresentam frequente quadro de inquietação, relatado pelos professores que responderam ao questionário aplicado. Cruz (2021) descreve o autismo não verbal como uma condição em que o sujeito com TEA não se expressa por meio da fala. Esses sujeitos, na maioria das vezes, apresentam também dificuldades em expressar sentimentos, pensamentos e desejos. Geralmente, sua comunicação se dá por meio de gestos ou com uso de imagens.

O autismo não verbal é uma condição dentro do espectro autista em que a pessoa apresenta dificuldades significativas na comunicação verbal e expressão da linguagem. Indivíduos com autismo não verbal podem ter limitações na fala ou podem ser completamente não verbais, dependendo do grau de comprometimento. No entanto, é importante ressaltar que a falta de comunicação verbal não significa ausência de habilidades cognitivas ou capacidade de se expressar de outras maneiras, como através de comunicação alternativa e aumentativa (CAA), gestos, expressões faciais e uso de dispositivos de apoio.

Outro aspecto destacado pelos professores diz respeito a coordenação motora. De acordo com Gong, Liu e Yi (2020), é comum que indivíduos com autismo apresentem alterações motoras em seu desenvolvimento. Conforme observado por Cassidy et al. (2016), as alterações motoras associadas ao autismo podem variar desde sutis até limitações significativas, tendo um impacto abrangente no desenvolvimento ao longo de toda a vida dos indivíduos afetados.

Outra indagação aos professores se referiu a descrição das metodologias utilizadas por eles em sala de aula com as crianças autistas. As respostas fornecidas estão discriminadas no Quadro 02:

Quadro 02: Metodologias utilizadas em sala de aula com alunos com TEA.

SUJEITO PARTICIPANTE	RESPOSTA
Professor 01	<i>Não respondeu.</i>
Professor 02	<i>Privilegiar vínculos afetivos; utilizar linguagem objetiva; privilegiar as habilidades individuais; propor pequenas tarefas, mesmo que sejam diversas; incentivar sempre; propor atividades que estimulem o pensamento lógico; adaptar.</i>
Professor 03	<i>Trabalho com base em desenvolver vínculos afetivos; as habilidades individuais; propondo pequenas tarefas, mesmo que sejam diversas; incentivando a criança e propondo atividades que estimulem o pensamento lógico.</i>
Professor 04	<i>Depois de conhecer o aluno e suas dificuldades em acompanhar os conteúdos foi feita uma mudança na metodologia para que melhor se adequasse as suas necessidades e principalmente para melhor desenvolver sua aprendizagem. Sempre privilegiar o vínculo afetivo, utilizando sempre uma linguagem mais objetiva, propondo pequenas tarefas e que busque sua atenção, uso de jogos e brincadeiras para interagir e socializar com a turma.</i>
Professor 05	<i>A metodologia utilizada é totalmente adaptada a suas condições e limitações, trabalhando associação, coordenação, as vogais e de 0 a 5, sempre usando a ludicidade e ajudando em praticamente tudo.</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Os professores, em sua maioria, relataram desenvolver suas metodologias pautadas principalmente no desenvolvimento do vínculo afetivo com seus alunos autistas. Dentro desse contexto, é interessante ressaltar que de acordo com Cunha (2017, p. 10) “na escola devem-se utilizar o afeto e os estímulos peculiares do aluno para conduzi-lo ao aprendizado porque, na educação, quem mostra o caminho é quem aprende e não quem ensina”.

Ressaltamos ainda, dentro da perspectiva de metodologias explicitadas, que existem alguns aspectos que podem favorecer a prática pedagógica do professor de um aluno com TEA. A exemplo, para Faria et al. (2018), um importante aspecto nesse sentido é conhecer as características diagnósticas do transtorno, fator que tem se mostrado eficaz para a compreensão do desenvolvimento e desempenho dessas crianças. Como já ressaltado em questões anteriores, os prejuízos do transtorno se manifestam principalmente no aspecto da interação social, comunicação e comportamentos estereotipados e repetitivos

É indispensável que os docentes sempre estejam preparados quanto a utilização de metodologias em sala de aula que venham a desenvolver a atividade com os alunos, e sempre renová-las em busca de resultados positivos em sala de aula:

A inclusão escolar promove às crianças com TEA oportunidades de convivência com outras crianças da mesma idade, tornando-se um espaço de aprendizagem e desenvolvimento social. Possibilita-se o estímulo de suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Acredita-se que as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. A oportunidade de interação com pares é a base para o desenvolvimento de qualquer criança (SCHIMIDT, 2013, p.134).

O último questionamento foi solicitado aos professores participantes um relato acerca das dificuldades de aprendizagem encontradas por eles em relação aos alunos autistas. As respostas fornecidas encontram-se discriminadas no Quadro 03:

Quadro 03: Dificuldades na aprendizagem observadas nos alunos com TEA.

SUJEITO PARTICIPANTE	RESPOSTA
Professor 01	<i>Conseguir que eles se concentrem no que a professora fala.</i>
Professor 02	<i>Dificuldade na fala, linguagem, comunicação não verbal e comportamento inflexível.</i>
Professor 03	<i>Dificuldade na comunicação, por ser não verbal e comportamento inflexível.</i>
Professor 04	<i>Dificuldade em socializar e interagir, dificuldade em aprender e utilizar as palavras, falta de coordenação motora e dificuldade de concentração.</i>
Professor 05	<i>Todas, principalmente na área pedagógica, apesar de haver um pequeno desenvolvimento social; a criança já consegue receber comandos, mantendo uma disciplina com tarefas e horários e se comunicar através de gestos poucos nítidos, consegui pedir água e pegar na mão e chamar pra ir no banheiro quando há necessidade.</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

No que diz respeito a essa questão, os professores relataram que os alunos autistas enfrentam dificuldades em áreas como comunicação, socialização e interação nas atividades de aprendizagem, além de apresentarem um ritmo mais lento no processo de ortografia e na decodificação de informações. Diante desse contexto, é crucial que o professor busque estratégias eficazes para trabalhar com esses alunos, a fim de promover o desenvolvimento de suas habilidades no processo educacional. É necessário também considerar as dificuldades específicas enfrentadas pelos alunos autistas nas atividades escolares, decorrentes do transtorno, de modo a adaptar e individualizar o ensino, oferecendo suportes e recursos adequados para facilitar seu aprendizado.

O professor desempenha um papel fundamental ao identificar as necessidades e potencialidades de cada aluno autista, promovendo um ambiente inclusivo e propício ao desenvolvimento pleno de suas habilidades acadêmicas e sociais:

As crianças que possuem desatenção acabam por desenvolver dificuldades em realizar tarefas escolares, é fácil de perder sua concentração, não costumam terminar suas tarefas em casa destinada a elas, não gostam de participar de atividades propostas que envolvam esforço mental, são desorganizadas perdendo seus pertences com frequência. Se estão na frente da TV costumam não responder quando lhe dirigem a palavra, parecendo estar sempre com a cabeça “no mundo da lua” (ARGOLLO, 2003, p. 198).

Nesse sentido, é possível observar que no contexto do processo educacional de um aluno com necessidades especiais, particularmente no caso do autismo, os profissionais podem enfrentar dificuldades em estabelecer uma interação efetiva com esse aluno, pois ele pode recusar-se a interagir com o docente, resultando em dificuldades de aprendizagem. Essa situação pode ser atribuída à falta de habilidades e metodologias adequadas por parte dos professores, que não estão contribuindo de forma eficaz para o desenvolvimento dos alunos autistas.

A respeito do contexto é interessante fazer uma ressalva para o que afirma Ferreira e França (2017, p. 4) “as crianças autistas sentem dificuldade em se adaptar em espaços educacionais. Os problemas encontrados são: socialização, organização, distração e dificuldade em sequenciar”. Os aspectos ressaltados pelos autores são enfatizados pelos professores ao descreverem as dificuldades encontradas dentro de sua realidade escolar.

Dentro desse contexto, destaca-se como primordial o olhar atento do professor com crianças autistas dentro de sua sala de aula, para os aspectos e particularidades que essa criança apresenta, a fim de poder proporcionar a ela um ambiente acolhedor e que respeite suas singularidades, além de inserir ela no contexto do ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos dados apresentados, pode-se concluir que a inclusão de alunos autistas nas salas de aula do ensino regular é um desafio que demanda atenção e preparo por parte dos professores. Os dados revelam que há uma proporção significativa de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) matriculadas em diferentes turmas, com destaque para o 6º ano e o 2º ano.

Além disso, constatou-se um aumento expressivo no número de alunos com TEA matriculados em classes regulares no Brasil, o que evidencia o crescimento da inclusão educacional no país. No entanto, é fundamental que os professores estejam preparados para lidar com as necessidades específicas desses alunos, tanto em termos de formação acadêmica quanto de experiência prévia.

Os resultados revelaram que os professores enfrentam dificuldades em diferentes áreas relacionadas aos alunos com TEA. A autonomia foi apontada como a principal dificuldade, seguida pelo raciocínio e o comportamento. Esses desafios refletem a complexidade do transtorno e a necessidade de estratégias adequadas para desenvolver habilidades nas áreas afetadas.

É essencial que os profissionais da educação recebam formação continuada em educação inclusiva, especialmente voltada para alunos com TEA. Essa formação deve abranger o entendimento das especificidades desses alunos e o desenvolvimento de estratégias pedagógicas adequadas.

Diante das dificuldades relatadas pelos professores, como a comunicação, as relações interpessoais e o comportamento, é importante destacar a importância de abordagens e estratégias adequadas para apoiar o desenvolvimento dessas habilidades nos alunos com TEA. A coordenação motora também se mostrou como uma área de dificuldade, impactando diversas atividades cotidianas e o engajamento em esportes e brincadeiras em grupo.

Em suma, a inclusão de alunos autistas nas salas de aula do ensino regular requer um esforço conjunto da sociedade, das instituições educacionais e dos professores. A formação adequada, a experiência prévia e o desenvolvimento de estratégias pedagógicas específicas são fundamentais para promover um ambiente educacional inclusivo e contribuir para o pleno desenvolvimento e sucesso acadêmico dos alunos com TEA.

REFERÊNCIAS

ARGOLLO, Nayara. **Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade**: aspectos neuropsicológicos. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 7, n. 2, p. 197-201, 2003.

BARBOSA, V. L. de B. Prática do professor numa escola inclusiva. In: MARTINS, L. de A. R. **Escola Inclusiva**: pesquisa, reflexões e desafios. João Pessoa: Idéia, 2008.

CASSIDY S.; HANNANT P.; TAVASSOLI T, Allison C.; SMITH P.; BARON-COHEN S. **Dyspraxia and autistic traits in adults with and without autism spectrum conditions**. *Mol Autism*. 2016;7(1):1-6. doi:10.1186/s13229-016-0112-x.

COPPEDE, Aline Cirelli. **Motricidade Fina na Criança: um estudo bibliométrico da literatura nacional e internacional.** Universidade Federal de São Carlos, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/6862/4306.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 de maio de 2023.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família.** – 7 Ed. Rio de Janeiro, Wak. 140p. Ed. 2017.

CRUZ, F. M.; TAMANAHA, A. C. **Do silêncio às ações corporificadas em interações de crianças com Transtorno do Espectro do autismo não-verbais.** Calidoscópico, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 209–223, 2021. DOI: 10.4013/cld.2021.192.04. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/22628>. Acesso em: 29 mai. 2023.

FARIA, Karla Tomaz *et al.* Atitudes e práticas pedagógicas de inclusão para o aluno com *autismo.* **Rev Educ. Esp.**, Santa Maria, p. 353-3. 2018.

FELDMAN, R.S. **Desarrollo Psicológico através de la vida.** 4. ed. México: Pearson Education, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6, ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 02/04/2023.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GONG L, LIU Y, YI L. **Abnormal Gait Patterns in Autism Spectrum Disorder and Their Correlations with Social Impairments.** 2020:1-12. doi:10.1002/aur.2302.

HEHIR, T.; Grindal, T.; Freeman, B.; Lamoreau, R.; Borquaye, Y.; Burke, S. (2016). **Os benefícios da Educação Inclusiva para estudantes com e sem deficiência.** São Paulo: Instituto Alana.

MAS, Natalie Andrade. **Transtorno do Espectro Autista – história da construção de um diagnóstico.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2018. 108f.

PIMENTEL, A. G. L.; FERNANDES, F. D. M.. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. **Audiology - Communication Research**, v. 19, n. 2, p. 171–178, abr. 2014.

SANTOS, F. H; GRILLO, M. A; **Transtorno do Espectro Autista- TEA.** Colloquium Humanarum. Presidente Prudente, v. 12, nº 3, p. 30- 38, jul/set, 2015.

SCHMIDT, C.; NUNES, D. R. P.; PEREIRA, D. M.; OLIVEIRA, V. F.; NUERNBERG, A. H.; KUBASKI, C. (2016). Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Psicologia: teoria e prática**, 18(1), 222-235.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.